



ECÚMENOS NARRATIVOS: OS SIGNOS DA LINGUAGEM NA CONSTITUIÇÃO DO SER

Rodrigo Emídio Silva
Universidade Federal de Goiás

Eguimar Felício Chaveiro
Universidade Federal de Goiás

RESUMO

O texto aborda a relação entre linguagem e espaço, explorando as dimensões universais e singulares do ser humano. Destaca que a palavra possui uma escala que se estende ao infinito do mundo e ao âmago do ser, sendo o meio pelo qual o mundo é refletido. No contexto contemporâneo, a reflexão sobre a ciência geográfica se aproxima da interseção entre o humano e o mundo. A linguagem ocupa um lugar central na vida, o ecúmeno é o ato de habitar o mundo em linguagem e preencher a distância entre o humano e o mundo. A palavra tem o poder de evocar. A escrita é considerada uma dimensão profunda e planejada da linguagem, capaz de criar sentido, devaneio, deformação, tradição e ruptura. O texto influencia a percepção do leitor, forma e deforma imagens captadas, o conduz pelos labirintos dos espelhos e pensamentos. A linguagem é essencial na experiência humana, desde a aquisição da fala até a constituição das ciências e das artes. Narradores, entre eles os geógrafos, utilizam a linguagem para dar sentido ao mundo, transformam experiências em narrativas. O interesse em pensar a escrita na ciência geográfica resgata a criatividade e a flexibilidade narrativa, enfatizando a observação, a sensibilidade e a síntese como perspectivas da geografia contemporânea.

Palavras-chave: Ecúmeno, narrativa, escrita, leitura.

NARRATIVE ECUMENES: THE SIGNS OF LANGUAGE IN THE CONSTITUTION OF BEING

ABSTRACT

The text explores the relationship between language and space, delving into both universal and individual dimensions of human existence. It emphasizes that words have a scale that extends to the infinite world and the core of being, serving as the means through which the world is reflected. In the contemporary context, the reflection on geographical science approaches the intersection between the human

and the world. Language occupies a central place in life, and "ecumene" is the act of inhabiting the world through language, bridging the gap between the human and the world. Words have the power to evoke, and writing is considered a profound and deliberate dimension of language capable of creating meaning, reverie, distortion, tradition, and rupture. The text influences the reader's perception, shaping and reshaping captured images, guiding them through the labyrinths of mirrors and thoughts. Language is essential in human experience, from acquiring speech to the formation of sciences and arts. Narrators, including geographers, use language to make sense of the world, turning experiences into narratives. The interest in reconsidering writing in geographical science aims to revive creativity and narrative flexibility, emphasizing observation, sensitivity, and synthesis as perspectives for contemporary geography.

Keywords: Ecumene, narrative, writing, reading.

INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de algumas inquietações sobre linguagem, escrita e geografia. As hipóteses iniciais foram desenvolvidas na oficina pedagógica "A leitura e a devassa do tempo: as janelas virtuais e os signos da dispersão", oferecida aos alunos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) no curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). As intenções iniciais da oficina apontaram para a relevância da linguagem na reflexão da geografia.

A linguagem e o lugar da palavra são possibilidades para explorarmos as dimensões universais e singulares do ser humano. A escala da palavra alcança o infinito do mundo e a profundidade do ser. O mundo passa pela palavra. Refletir sobre a ciência geográfica contemporânea aproxima-se da esfera que incorpora o humano e o mundo. A linguagem está no topo da vida. Habitar o mundo é transformá-lo em linguagem. A distância entre o humano e o mundo é preenchida pela linguagem. A palavra evoca, traz para perto o distante. Presentifica. A escrita é a dimensão profunda e planejada da linguagem, aliando-se ao pensamento elaborado. É criadora de sentido, devaneio, deformação, tradição e ruptura. Os signos apropriam-se e são apropriados pela consciência leitora.

O texto forma e deforma as imagens captadas pelos leitores. Somos conduzidos pelas vozes narradoras. Podem, também, nos lançar nos labirintos dos espelhos e pensamentos. Um leitor sonolento fecha os olhos, adormece por instantes e continua a leitura sem o texto. Ouve os sussurros, sobrevoa o ambiente. Nesta fração de segundos, continua a leitura desprendido da dimensão escrita. Viaja. É levado. O texto, com sua singular geografia, grafou seu leitor. Tornou-se palavra e devaneio. Existe uma cartografia semiótica de tramas e trajetórias; a paisagem do texto assumiu o controle da consciência leitora.

A leitura e a escrita, ações de profunda concentração produzidas pelo pensamento demorado, tornam-se experiências frontalmente contrárias à efemeridade significativa, que é produzida por uma virtualização da vida. Há a emergência de novos metabolismos do saber. As imagens assumem espaços que pertenciam à linguagem escrita, tornando-se plasticamente orgânicas. Quem são os novos leitores? Como a arte da escrita interage com as atuais mudanças? Vislumbra-se no horizonte o fim da literatura? As deficiências literárias dos geógrafos tornaram seus textos burocráticos e desérticos de imagens? Estas questões emergiram nas premissas da construção deste texto.

O ECÚMENO NARRATIVO: A FENOMENOLOGIA DA VIDA

A escrita humaniza o mundo, tal como aponta o mito de Antígona, de Sófocles, que remonta aos conflitos entre a palavra escrita e oral. A narração desse mito inscreve-se na tensão entre as leis da cidade, a lei escrita, que regem a civilização da pólis, e as leis da natureza, as leis divinas não escritas, a-históricas e eternas.

Antígona, filha de Édipo, irmã de Polinice e Etéocles, opõe-se às leis de Creonte, governador de Tebas. Polinice tenta invadir Tebas, seu irmão Etéocles defende a cidade contra os ataques. Em combate, os irmãos se matam. Diante do fratricídio, Creonte determina, pelas vias da lei, que Etéocles seja enterrado e que o corpo de Polinice fique exposto à decomposição e, posteriormente, seja comido pelos abutres. Antígona desobedece às normas de Creonte, recusa as leis e enterra o irmão. Mesmo presa por Creonte, ela defende as leis naturais e o direito divino de enterrar o irmão.

Para Pesavento (2004), Antígona é a recusa aos códigos da pólis, reafirma as leis orais e não escritas da vida. Seu argumento refere-se ao tempo que antecede ao domínio da cidade. A cidade é a materialidade técnica, que se tornou instrumento para o humano romper suas relações com a natureza. Assenta-se simbolicamente no desejo de desafio das forças da natureza. As cidades modernas carregam os códigos de Creonte, ecúmenos organizados pelas leis escritas. Os campos e sertões são marcados pela voz de Antígona, a linguagem transvestida de oralidade, que remonta aos ritos originários e enfia os pés no chão enlameado.

O Ecúmeno da vida são essas relações indissociáveis entre personagens e espaços, que podem ser topofílicas, topofóbicas ou topocídicas. Para Augustin Berque (2012), a relação ecumenal elabora o lugar, sendo um tema eco-tecno-simbólico. Na esteira de Berque, podemos dizer que somos grafados pela nossa existência na terra. O mundo possui uma composição espiritual que nos constitui. Os lugares grafam nossos corpos e almas. A experiência na terra nos leva ao fim do mundo e ao fundo do corpo.

No ensaio *O Ser e o Tempo*, Heidegger (1996) discute que a face êntica do ser é consolidada na condição de “estar no mundo” e que o mundo está no ser. O tempo e o ser, na dimensão ontológica, são categorias eternas, mas a intersecção entre “ôntico” e o tempo constitui o ser enquanto entidade. A transitoriedade temporal

que constitui a nossa existência dá-se na elaboração mútua de vínculos afetivos com os espaços, que se tornam lugares. Essa ligação topofílica transforma espaços, que, para Heidegger, são dimensões abertas e vazias, em lugares. O lugar é preenchimento, a possibilidade realizada em que o trabalho funde humano e mundo. Os signos fundem os humanos aos espaços. É na dimensão consciente da palavra que imaginamos os paraísos e infernos. Não há uma relação direta entre a nossa carne e o mundo, a mediação faz-se pela linguagem, ela inventa os símbolos. Atualiza-os.

Quando pegamos emprestado o conceito de Berque para estudar, acreditamos que seja necessário inscrever a linguagem no conceito de origem. Portanto, o lugar, dimensão êntica, consolida-se nos planos ecológicos, técnicos, simbólicos e semióticos. As palavras também nos levam ao fim do mundo e ao fundo do ser. Na ação da consciência imaginativa, a linguagem, esse universo de palavras, sentidos e palavras sentidas, compõe o infinito dos signos-imagens.

O mundo não é objeto absoluto, posto na frente do humano. O mundo é definido como tal pela implicação no cerne da existência humana. Para Sartre (2005), na obra *O Ser e o Nada*, o ser é princípio de relação com o mundo. O que define o mundo é justamente ele ser mundo para ou do humano. O espaço original que se abre é o espaço hodológico. Nesse sentido, os espaços cortados por caminhos e estradas são portadores de possibilidades e de futuros. “A única ontologia humana é a emoção”, escreveu Sartre (2007). Todos os nossos sentidos trabalham em concomitância para enxergarmos o peso da existência. O mundo só faz sentido pela nossa consciência: vê-lo é olhá-lo pelas janelas da consciência. Existimos e temos certeza da nossa transitoriedade e finitude. Captar o mundo não se dissocia dos poderes imagéticos desejanos nos quais o corpo está situado.

O olhar move-se pelo desejo da consciência. Sartre (2009) afirma que é o fluxo contínuo de experiência, pensamento, lembrança, memória e linguagem. Saímos de nós, permanecendo em nós, a vastidão do mundo que se descortina é abraçada no olhar. Invadimos o outro e também somos alvejados por olhares, que gozam de uma liberdade estupefacente. Quando mentimos, por exemplo, temos dificuldade de compenetrar olhos nos olhos: há uma nudez da existência que envergonha.

Habitar o mundo é transformá-lo em linguagem. A distância entre o humano e o mundo é preenchida pela linguagem. A escrita é o fenômeno que deixa nossa experiência de vida ainda mais interessante. É belo ver o processo de letramento dos sujeitos. Uma criança inicia sua formação escolar. Ela é ansiosa para conseguir escrever seu nome. Escrever o nome é a necessidade primária para a constituição da cidadania. Ela caminha cambaleante com as letrinhas, a mão indômita segura o lápis com dificuldade. O traçado torto, desregulado, desrespeita as linhas e fere as margens. Engatinha-se nas palavras, tropeça nas maiores, trava a língua em outras. Essa desordem tem os anseios da criança que quer devorar o mundo da palavra.

Só que no estalo da vida, a boca pronuncia os nomes dos animais. Elefante. Vaca. Escreve o nome pela primeira vez. Escreve pela segunda vez. Escreverá perpetuamente. Empolgada, assinará as paredes do quarto e a cabeceira da cama

terá as letras do seu habitante noturno. As frases serão lidas sem tropeço, correrão na língua e irão ao mundo. Os significantes das palavras serão indexados às imagens. Algumas letras serão trocadas de lugar, palavras poderão ter vogais subtraídas do seu corpo. Pouco importa. A magia do mundo está em perceber que ovo e uva são entes semelhantes, quase irmãs.

Escrever o próprio nome nas coisas é o rito de iniciação para se apresentar ao mundo. É encher o mundo de si. Deixar vestígios de autonomia e existência. No campo, com toquinhos de giz, meninos e meninas rabiscam as porteiças com seus nomes. Nas mesmas porteiças, outros e outras declaram seus amores juvenis. A palavra apaixonada deixa suas marcas nos cadernos de poemas, nos troncos das mangueiras e nas cartas anônimas.

Jovens picham as cidades com uma escrita indecifrável. A pólis de Creonte é rabiscada pela irreverência juvenil, a escrita volta-se contra a ordem hegemônica da razão instrumental. A ousadia de Antígona risca prédios, viadutos e bancos. O desejo de preencher os espaços, com seus vestígios escriturísticos, pertence à revolta, esta que é uma das formas mais humanas de estar no mundo. As gangues e as próprias facções criminosas cravejam suas siglas e ameaças nos muros das casas. As torcidas organizadas territorializam seus domínios com as insígnias dos times nas paisagens.

Habitar as cidades é o exercício de preenchê-las com os gestos, as letras e os códigos da juventude. A linguagem semiotiza todas as escalas de poder. Os ecúmenos são permeados por uma infinidade de tensões, que se apresentam, sobretudo, nos códigos escritos e orais.

A ESCRITA E A GEOGRAFIA: O RETORNO

A ciência geográfica desdobrou-se em tantas faces que nós, geógrafos, temos dificuldades em defini-la. Multiplicaram-se os campos de estudo dessa ciência, e ficamos com dúvidas ao afirmar no que consiste epistemologicamente os objetos norteadores da geografia. O *status* de ciência é um débito permanente cobrado à geografia. Em concordância com Hissa (2002), a geografia tem fronteiras móveis com outras ciências; sua trajetória é marcada pela transdisciplinaridade, porém, na sua configuração contemporânea, existem limites intransponíveis entre as áreas dentro da própria geografia. Somos herdeiros da cisão entre a Geografia Humana e Física.

A marca original do pecado está na sua própria constituição; a geografia é a ciência nascida na modernidade sendo crítica à própria modernidade. Diferentemente de outras ciências, no seu curso epistemológico, ela não elaborou uma metanarrativa que a colocasse no mundo. Muito pelo contrário, é uma voz dissonante ancorada na diversidade dos lugares. Os geógrafos clássicos fizeram sínteses maravilhosas, debruçaram-se nas bordas e fisionomias do mundo. Amorim (2015), em um artigo magistral, defende que a fragmentação na geografia empobreceu seu escopo epistemológico. O anseio do saber científico positivista capturou dos geógrafos a

criativa capacidade de observar. O desejo do rigor metodológico burocratizou a escrita em esquemas explicativos, padronizando-se. O método tornou-se instrumento da ciência, e a criatividade, da arte. A cisão entre arte e ciência decorre-se da consolidação do positivismo, reforçando o estereótipo de que o artista carece de método e o cientista, de criatividade.

Ainda com as interlocuções de Amorim, um dos caminhos para refletirmos o que concede à geografia contemporânea está no retorno aos clássicos e no resgate do espírito aventureiro dos geógrafos viajantes. Com essas premissas, entende-se que o retorno ao clássico é também um exercício de linguagem e escrita. A escrita é a dimensão profunda e planejada da linguagem, alia-se ao pensamento elaborado. É criadora de sentido, devaneio, deformação, tradição e ruptura; é um signo apropriado e apropriando-se da consciência leitora, é semiótica. Voltar aos clássicos é uma forma de inscrever o desejo de uma escrita geográfica que consiga narrar o mundo pela riqueza das imagens. Voltar na geografia é aproximá-la da literatura.

O geógrafo alemão Alexander Von Humboldt explorou o mundo no exercício profundo da observação, procurando entender a ordem do cosmos na experiência do olhar, aproximando as bases do racionalismo cartesiano à filosofia romântica. Criou o conceito de fisionomia, indelevelmente presente nos textos dos geógrafos da escola francesa lablacheana. Seu texto *Cosmos*, publicado em 1845, tem uma presença marcante da experiência, da contemplação e, sobretudo, da intuição. Humboldt (1994, p. 161) diz que: "El poder de la Naturaleza se manifiesta, por así decirlo, en la conexión de impresiones, en la unidad de emociones y sentimientos que se producen, en cierto modo, de una sola vez." Humboldt, diante da experiência da observação, tenta conceituar e procurar leis que gestam o universo. A experiência e a busca por uma explicação da ordem cósmica são os traços que marcam sua produção.

Humboldt escrevia com uma beleza singular, explorando as imagens; havia um contato narrativo das sensações que influíam sobre seu corpo e alma. A capacidade de construir imagens fez desse cientista um viajante da linguagem. A influência do romantismo na observação acurada e o apreço aos detalhes fazem seu texto ser uma profusão do esmiuçar científico e de narrativas poéticas. O gênero adotado na escrita de Humboldt é o epistolar: ele escreve como narrador-testemunha e usa a primeira pessoa. O gênero epistolar foi um estilo utilizado pela literatura e pelas ciências humanas. Todos os seus sentidos entrelaçam-se nos seus textos; eles também se comunicam com os leitores. As cartas foram formas de comunicação de Goethe e Humboldt. Na passagem do século XVIII para o século XIX, elas marcaram a palavra escrita. Entende-se que a arte literária e a ciência bebiam de estilos escriturísticos próximos.

Assim, a idade romântica unirá a uma teoria da natureza cifrada, poema de Schelling "encerrado em uma escrita secreta e maravilhosa", uma atenção às formas mais

elementares da matéria e da vida. Aí, nos sulcos da pedra ou nas espirais da concha, deve-se ler, já presente em sua forma rudimentar, a escrita viva do espírito, aquela em que sentido não se separa do corpo que se apresenta (Rancière, 1995, p. 11).

O narrador-testemunha está nas cartas criando o outro para o leitor. As paisagens vistas transformaram-se em florestas textuais; esses territórios semânticos apresentavam o outro. "Exuberante" talvez tenha sido o primeiro adjetivo que os cientistas europeus pensaram sobre a botânica da América do Sul. Explorar, experimentar e inventariar foram as primeiras imagens que o olhar, considerado científico, elaborou para racionalizar mundos botânicos e geológicos tão distantes.

A literatura é o outro, um tipo de duplo, que contribuiu na constituição epistemológica das ciências humanas. No século XVIII, a literatura não era a arte dos escritores; era o saber dos letrados, uma apreciação das belas-artes. É no século XIX que essa palavra, que designava um saber, passará a designar seu objeto: atividade daquele que escreve. A evolução da escrita literária e o surgimento do romance corroboram no escopo narrativo das ciências humanas, especialmente a Geografia. Rancière (1995) reforça que a escrita científica decorre da literatura. As ciências humanas alimentam-se dos signos narrativos do romance, gênero marginal do discurso eloquente. A evolução da narrativa romanesca perpassa pela escrita científica.

A passagem do narrador é testemunha do narrador onisciente. Inicialmente, é uma estratégia literária que, posteriormente, manifesta-se nas ciências humanas. Se o romantismo alemão esteve ao lado de Humboldt, Vidal de La Blache e seus discípulos escreveram com as marcas estilísticas do realismo francês. O deslocamento do eu testemunho para uma voz onisciente foi a distância necessária que adorna a segurança da descrição; o romance moderno seduziu os leitores desejosos de veracidade. A evolução dos tempos verbais ancora-se no ensino narrativo.

É por isso que ele é o instrumento ideal de todas as construções do universo; é o tempo fictício das cosmogonias, dos mitos, das Histórias e dos Romances. Ele supõe um mundo construído, elaborado, destacado, reduzido a linhas significativas, e não um mundo lançado, exibido, oferecido. Por trás do pretérito perfeito simples esconde-se sempre um demiurgo, deus ou narrador; o mundo não fica inexplicado quando o narramos, cada um dos seus acidentes é apenas circunstancial, e o pretérito perfeito simples é precisamente esse signo operatório pelo qual o narrador reduz a explosão da realidade a um verbo íntimo e puro, sem densidade, sem volume, sem desenvolvimento, cuja única função é unir o

mais rapidamente possível uma causa e um fim (Barthes, 2020, p. 30).

A cena transformou-se em palavra; este exercício não é neutro, mas ideológico. Ela elabora uma reminiscente ideia oposta e negativa aos outros povos que não comungam da racionalidade burguesa. Camus (2017) nos diz que não existe um pensamento desencarnado. O viajante europeu torna-se símbolo do movente, descobridor, colonizador e civilizado; os povos estudados são cristalizações do permanente, estático e do selvagem. O europeu é um colecionador de paisagens e o “outro” está enraizado geograficamente aos lugares.

A GEOGRAFIA E O MUNDO DA PALAVRA

Entendemos que toda escrita é escolha. É uma seleção dos fenômenos, uma depuração das causas, da explicitação dos efeitos e das respectivas dimensões escalares dos fenômenos. São algumas técnicas que ajudam os geógrafos em seu labor de escrita. A narrativa apresenta o outro, internaliza-o no escritor e no leitor. Entre o escritor e o mundo há a linguagem, o texto e os livros.

A escrita origina-se de um proscrito da língua. O texto está além da língua, resulta-se de escolhas tensionadas de caminhos labirínticos. Cada palavra colocada cimenta e concretiza os pensamentos do sujeito escrevente. Elas podem traí-lo. Também podem enganar o leitor. Barthes (2020) acerta quando afirma que a referência da escrita é o que já foi escrito e não necessariamente o mundo das coisas. A tradição e as rupturas nos estilos decorrem no que foi inventado pela linguagem. A referência da escrita é substancialmente a leitura. Esta segunda categoria proporciona a amplidão dos arrebóis da linguagem.

Em consonância com Paz (2019), no ato de escrever, a imagem procura a palavra para compor a analogia. A prosa é a composição da frase; a palavra sozinha não cria sentido de texto. A imagem é uma composição de frase. Nos poemas, imagens saem na dimensão da totalidade, não são isto ou aquilo. É isto e aquilo. Algumas palavras matam a frase, rompem a prosa, ferem o sentido. As palavras, claro, têm um valor, que reside no sentido que ocultam. Esse sentido não é senão um esforço para alcançar algo que não pode ser alcançado; ele aponta para as coisas, assinala-as, mas não as obtém jamais. Os objetos e as pessoas estão mais além das palavras.

A literatura entrega à humanidade o verossímil. A linguagem literária fabula; os seus signos tomam o mundo do leitor com as imagens. Paz (2019) entende que a imagem literária é a terceira dimensão que nasce entre as imagens do texto e as imagens embutidas na consciência leitora. É esta atmosfera da ambientação que nos leva, nos sopra à face e, sobretudo, nos sussurra em silêncio toda aquarela verossímil ou inverossímil.

A palavra pensa a palavra. O humano fala de si e do outro na teia de desejo e pela memória da linguagem. Colher palavras é um retirar do solo semântico frutos de

diversos sentidos, cores e tamanhos. Alimentos comíveis que voltam ao chão como sementes. Elas são colhidas pelos ouvidos, olhos, mãos e jogadas ao mundo pelo paladar da vida: a fala. Plantamos e colhemos signos. Os significantes são adubados com novos sentidos – significados –, estes que amolecem a dureza da forma e criam novas palavras e outros sentidos.

A linguagem é uma permanente colheita laboral da alma. Bosi (2010) concebe que a palavra é o leite materno da consciência. Por incrível que pareça, essa afirmação não é uma metáfora; os primeiros fonemas são produzidos numa abertura labial idêntica ao momento em que a bebê mama. Fonemas como ma, ta, pa são evocados na ausência do peito lactante, e repete-se mama, tata e papa na ação involuntária da sucção.

Esta cartografia do mundo tateia sentido consciente da matéria da vida. Reveste o presente com lembranças. Os rizomas que nos constituem são marcas discursivas que orientam a permanente construção da nossa subjetividade. As vozes do passado perambulam sons e imagens, vagueiam tato, olfato e pensamento. Todos os sentidos trabalham concomitantemente para dar sentido consciente. A experiência humana invade o mundo em palavras nômades ou que nos sedentizam. Signos, alegorias e símbolos intermedeiam o encontro de mundo e sua gente.

Nossos corpos são mapas de palavras. Olhar é invadir o mundo; um exercício da consciência. Os signos agem como peixes; eles nos ligam ao rio-mundo. É uma teia que arvorece entre nós e o mundo-outro. Somos feitos de palavras, pausa, pontos e silêncio. O ponto de vista do observador se dissolve no objeto. O ato de tomar consciência do objeto mistura-se à atenção e à dispersão, na presença visual e na evocação do passado. Pensar é agir; transformar pensamento em texto é uma enigmática força revolucionária. Há um coletivo de forças que participam e intervêm nas mudanças e, principalmente, nas derivas transformadoras que aí se dão.

Dotar de palavras ou vestir de linguagem o mundo é um movimento interseccional. Esse jogo de afecção e tomada de consciência mistura sujeito e mundo, noite e dia, id e superego, forças totalizantes e resistências individuais. A escrita, no campo de força e desejo, é o resultado semiotizador do ato de cartografar o caos que nos envolve. O texto organiza a loucura, constrói o olhar, coloca o mundo nas grafias alfabéticas e organiza o entendimento. Palavras são entidades diaspóricas, vagam, e atribuímos novos sentidos aos seus respectivos significantes.

Invadimos o outro com nossos sons. Saímos e repousamos no ninho alheio. A emoção e a surpresa roubam os lúcidos vocábulos; gaguejamos com as surpresas e peças pregadas pelo mundo-outro. As linhas humanas não são paralelos e meridianos retilíneos. Essas linhas (in)visíveis dizem pouco dos moradores da casa-terra. Gente carrega as linhas da vida nas suas cicatrizes, e as nossas águas salgadas nascem de fonte rasa e escorrem pelas maçãs do rosto. As linhas vincam a pele; o curso da vida é visto na hidrografia das mãos:

A abordagem fenomenológica do espaço e do corpo vivido mostra-nos seu caráter de inseparabilidade. Por exemplo, no sono e no sonho, o corpo fantasmado coincide com diferentes modalidades de semiotização espacial que ponho em funcionamento. A dobra do corpo sobre si mesmo é acompanhada por um desdobramento de espaços imaginários (Guattari, 1993, p. 153).

Nas palavras de Guattari (1993), a subjetividade humana é uma constante auto-poiese, ela vincula-se ao que se sedentariza e nomadiza. Em síntese, a identidade humana, ancorada na cartografia existencial, é fluida. Somos alvejados subjetivamente por uma infinidade de agenciamentos maquínicos. A família, a publicidade, a universidade e a igreja são exemplos de máquinas semiotizadoras, ou seja, criadoras de subjetividade. Somos sujeitos diaspóricos, imigrantes e emigrantes de nós e, por vezes, perdidos.

O MUNDO EM NÓS: A INCOMPLETUDE DA EXISTÊNCIA E A LEITURA

A leitura é um ato de profundo amor, em que abrimos nossa alma à narrativa das palavras silenciosas e desencorpadas. Elas nos transpõem, nos põem e nos compõem. O texto flui nos corpos, afeta as sensações, inventa cheiros e cria mundos. O leitor, aberto às vozes narradoras, é preenchido por tantas outras imagens não vistas por seus olhos. Ler é verbo. Ler é ato. Ler tateia o mundo. Ler é invadir a intimidade visceral do humano.

O foco do leitor é nossa principal preocupação. Os livros são portadores do fermento da jornada: o inesperado. Ao mergulhar nos labirintos do texto e na construção da cena, o leitor esboça uma cartografia semiótica única. O romance *Se Um Viajante numa Noite de Inverno* (1999), de Ítalo Calvino, desdobra-se diante dos olhos do leitor com uma cena ferroviária: um trem, desconhecidos, fumaça e uma mala. Como leitores, estamos no escuro sobre nosso destino e ponto de partida. Tudo escapa ao olhar convencional. A estranheza converte o sólido em algo fugidio e etéreo. Em silêncio, o escritor proclama: “Bem-vindo ao mundo da viagem.”

Os humanos nascem com a insígnia da incompletude. A falta está na carne. A falta está na alma. Desde os gregos, havia interesse sobre o assunto. No Banquete de Platão, o dramaturgo Aristófanes elucubra sobre Eros, baseando-se no mito do Andrógino. Ele diz que na origem da humanidade, homens e mulheres fundiam-se em um único corpo. Esses seres esféricos e completos tentaram invadir o Olimpo. Zeus puniu a humanidade, fomos cindidos, a humanidade completa foi dividida em duas.

Os humanos, separados em duas metades, buscaram desesperadamente se unir novamente. Zeus, para acabar com essa busca, os dividiu ao meio e reorganizou seus corpos, virando os rostos e órgãos genitais para o lado do corte. Apolo então

moldou a pele para criar o peito e o umbigo, mas isso significava que uma metade precisava morrer para formar as novas criaturas. Assim, o desejo humano de encontrar sua "outra metade" tornou-se impossível no sentido físico. "No entanto, a busca por conexão e completude ainda persiste na alma humana, mesmo que não se manifeste fisicamente."

É assim, nessa busca desesperada pela unidade perdida, que surge o Eros, pois essa operação de virar os genitais para o interior determina a forma e a condição definitiva dos seres humanos. Insatisfeitos com a divisão e impulsionados por Eros, um desejo essencial, porém vão, de restaurar o ego, a unidade perdida, os humanos continuam se agarrando uns aos outros. Eles não perecem mais, pois, após os abraços e uniões, podem se afastar para cuidar de suas próprias vidas. Eros, como amor interpessoal, torna-se um prêmio de consolação pela individualidade perpetuamente perdida: em vez de alcançar o céu, nos seguramos uns aos outros.

Para entender corretamente o significado subjacente do mito, é crucial visualizar claramente a oposição e a tensão entre as ações de Eros e as dos deuses olímpicos: enquanto estes estabelecem a ordem, ou seja, a lei, e assim instituem o único regime possível para os seres rebeldes, Eros age de forma contrária: como uma força que motiva os seres fragmentados a buscar sua parte mutilada, é o movimento de retorno à condição original globular. Eros associa-se à Afrodite (uma expressão genuinamente grega para assuntos sexuais): o verdadeiro objetivo dos humanos não é o sexo, mas sim um anseio maior, o abraço que, embora efêmero, simboliza a unidade permanentemente perdida, e, para obtê-lo, o sexo é apenas um meio. Eros indiretamente realiza nossa aspiração de sermos íntegros.

Eros é o desejo incomensurável pelo outro, que de certa forma é o negativo do eu. A leitura é a abertura da alma, é o desejo manifestado na incompletude da alma. A cisão de Zeus nos fragmentou, os sujeitos foram tomados pelos sentimentos de incompletude. A palavra nasce nesse hiato. O leitor tenta sanar insaciavelmente a sua incompletude; obviamente que terá êxito. É a permanente procura por outras almas narradoras que o fará permanecer preso ao livro. Não haverá o livro que o complete, não terá uma narrativa que dirima sua angústia; são essas sensações que o farão abrir uma outra obra. O leitor tem em posse de suas mãos uma infinidade de signos e fragmentos de mundo. O texto vibra:

O texto é um objeto de fetiche e esse fetiche me deseja. O texto me escolheu, através de toda uma disposição de telas invisíveis, de chicanas seletivas: o vocabulário, as referências, a legibilidade etc.; e, perdido no meio do (não atrás dele ao modo de um deus de maquinaria) há sempre o outro, o autor (Barthes, 2013, p. 35).

Nesse embate, o mesmo Italo Calvino (2015), numa discussão de teoria da leitura, no livro *Mundo Escrito e Mundo Não escrito*, advoga sobre a importância da beleza

da primeira leitura. A ingenuidade do olhar que descortina o texto pela primeira vez perde-se nas leituras posteriores. O livro, uma pintura e um filme não serão lidos ou assistidos duas vezes igualmente; novos elementos aparecem, novas intenções, mas a surpresa, o susto e a descoberta são experiências do primeiro bilhete.

A leitura é o portal mágico que se abre aos olhos. Borges (1986, p. 133), no conto *O Aleph*, viu o cosmos na abertura do portal e intermináveis olhos que perscrutavam como espelho, e concluiu: “Compreendi que esse movimento era uma ilusão produzida pelos vertiginosos espetáculos que encerrava [...] vi todos os espelhos do planeta e nenhum me refletiu.” O Aleph tem uns dois ou três centímetros de profundidade, uma fina espessura que levaria para uma infundável viagem do ver. Perguntamo-nos se Borges escreve sobre palavras ou imagens, ou uma mistura plástica de texto e imagem.

É a incompletude que nos leva a abrir um livro. Um outro. Um outro. Perpetuamente. É a procura por outros espaços, é o desejo de enfiar na profundidade da miséria humana. Na última página, voltar-se a si e compreender que aquele portal mágico, aquele fetiche, não te refletiu por completo. Que todos os espaços conquistados na trama dissipam, esfumaçam na memória. Algumas angústias das personagens ficarão contigo, transformaram-se em suas, habitam as dores da tua carne. Talvez, a narrativa só transferiu para linguagem as pulsões da alma. Assim, a leitura tomou novos sentidos.

Os leitores buscam as companhias dos outros para lutar contra a solidão. A luta contra a solidão acaba-se no ato mais solitário. Somos ambíguos. Mesmo na leitura predileta, o leitor não estará completamente na trama dos espaços narrativos, jamais terá a posse de todos os ângulos das paisagens do texto. Procurará os signos que lhe darão solidez nesta viagem. Fará croquis, registrará nomes nas bordas das folhas e buscará sentido no mundo que se abre. Se há o tumulto de imagens, voltará duas páginas.

Nesta procura, o espaço é sinalizador semiótico das narrativas. O narrador abre as portas, fecha a cortina e acende as velas. Narrar é espacializar a linguagem, as palavras situadas nas coisas ambientam o texto. Osman Lins (1976) situa o espaço como tema central em algumas obras romanescas. Há o intuito de reforçar como manifesta-se na construção das narrativas literárias. *O Castelo*, de Kafka, reticula o espaço inacessível, no ambiente da ficção, pois é simbólico. A obra de James Joyce é labiríntica. E o labirinto dos reflexos e espelhos inaugura o surrealismo de Luís Borges. As viagens de Gulliver, a relação de Gulliver e o espaço proporciona a invenção dos países fantásticos, nasce uma toponímia singular, que nomeia o mundo inventado pela palavra. A viagem da imaginação. Claro, não podemos esquecer de Lewis Carroll e o espaço imaginário e insólito de Alice. Essas evidências denotam as múltiplas faces do espaço. Ele é singular, inalienável na construção dos territórios sólidos da literatura realista e nas insurgências do fantástico.

O espaço na trama não se reduz às ações das personagens e suas reações. O espaço é a dimensão ontológica da emancipação das personagens. O herói caminha, a

criança vasculha uma mala escondida. Há uma ordenação de fatores que o assegura num caráter de suporte, atmosfera e pano de fundo. Osman traz a pergunta: onde termina o personagem e começa o seu espaço? Esta pergunta é um silogismo espacial, onde, advérbio de lugar, nos traz a evidência de que as personagens se situam, seus limites misturam-se às quinas espaciais.

CONCLUSÃO

As palavras inventam outras palavras, as palavras inventam as coisas. Repetem-se. O texto ganha autonomia do próprio escritor, atualiza-se no leitor. Novas imagens aparecem no corpo do texto. A linguagem nos situa no mundo. Apresenta-o à consciência. Nós, juntamente com a linguagem, criamos ecúmenos da nossa existência.

A linguagem é matéria-prima da experiência humana no mundo. Ela está na aquisição da fala da criança, na elaboração textual do escritor, nos desejos do leitor. Está, sobretudo, na constituição das ciências e das artes. Homero é narrador. Humboldt é narrador. Vidal de La Blache é narrador. Um romancista pouso sua vida em projetos narrativos. Sujeitos situam suas vidas nas histórias miúdas do cotidiano. Toda experiência humana poderá ser transformada em narrativa. Que, por sua vez, tatuará a folha branca com a infinidade das vozes silenciosas.

Os geógrafos observam o mundo, percebem como o invisível se faz visível nos espaços. Captam as cenas fragmentadas em múltiplas escalas. Transformam o outro, distante ou próximo, em linguagem. O texto cognoscível auxilia os narradores, pois a outra voz guia o leitor por paisagens panorâmicas, coloca dentro do pensamento biomas e continentes. A Terra azul não é nada além de um exercício de linguagem.

O estudo da linguagem e a preocupação com a narrativa aprimoram o discurso geográfico. À medida que os geógrafos colocam a linguagem como uma questão central do seu dizer, ampliam a interpretação do mundo. O alargamento do olhar implica também a relação densa e comprometida com a palavra. Por consequência, para que isso seja possível, cabe aos geógrafos lutar contra o empobrecimento da linguagem e transformar a escrita em uma forma de rebelião.

Retomar alguns preceitos da teoria literária, para refletirmos sobre a ciência geográfica, apresenta-se como uma interessante possibilidade para que a escrita, a leitura e a literatura sejam campos de estudo dessa ciência. Há um modelo de escrita padrão nas universidades que engessou e burocratizou a criatividade narrativa dos geógrafos. Reafirmar a observação, a sensibilidade e a síntese são perspectivas para que a geografia diga melhor o que tem a dizer.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Oswaldo Bueno. *A pluralidade da Geografia e as abordagens humanistas/culturais*. Caderno de geografia. Pontifícia Universidade Católica de

Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial. Disponível em: <http://www.neer.com.br/anais/NEER-1/mesas/oswaldo-mesa.pdf>. 2015. Acesso em: 26 out. 2020.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. Tradução: Maria Margarida Barahona. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2020.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução: J. Guinsburg. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

BERQUE, Augustin. Geogramas, por uma ontologia dos fatos geográficos. *Geograficidade*, v. 2, n. 1 – Niterói-RJ, 2012.

BOSI, Alfredo. *O ser e tempo da poesia*. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Best Bolso, 2017.

CALVINO, Ítalo. *Se um viajante na noite de inverno*. Tradução: Nilson Moulin. 4. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CALVINO, Ítalo. *Mundo escrito e mundo não escrito: artigos, conferências e entrevistas*. Tradução: Mauricio Santana Dias. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Coleção Os Pensadores. Tradução: Enildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

HUMBOLDT, Alexander Von. *Cosmos: Ensayo de una descripción física del mundo*. Tomos I. Madrid (1851-1852). Córdoba, 2005.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A vitória de Antígona sob o signo de Babel, a cidade brasileira dessacralizada. In: Pesavento, Sandra Jatahy (org.). *Escrita, Linguagem, objetos: leituras de história cultural*. 1. ed. Bauru: EDUSC, 2004. p. 165-192.

SARTRE, Jean-Paul. *A Imaginação*. Porto Alegre: LePM, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre: LePM, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

PAZ, Octavio. *A outra voz*. Tradução: Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. 4. ed. Tradução: Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2019.

Contato com o autor: rodrigo.emidio02@gmail.com

Recebido em: 22/02/2024

Aprovado em: 02/08/2024